

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A Virtude do Picaluga

Por LAURA CHAVES — Desenhos de A. CASTANÉ

Era uma vez certo rei,
vivendo em terra afamada,
bom como o ouro de lei
e lial como uma espada.

Chamava-se Picaluga
e era bastante infeliz
porque tinha uma verruga
na pontinha do nariz.

A verruga — que maldade! —
crescia com arregoço,
se êle avançava em idade,
ela avançava em tamanho.

Tinha o rei já quarenta anos
e ainda estava solteiro,
sofrera mil desenganos
por môr de mal tão matreiro!



Pois, quando se declarava,
já sabia o Picaluga
que o mandavam logo á fava,
a êle, ao reino e á verruga.

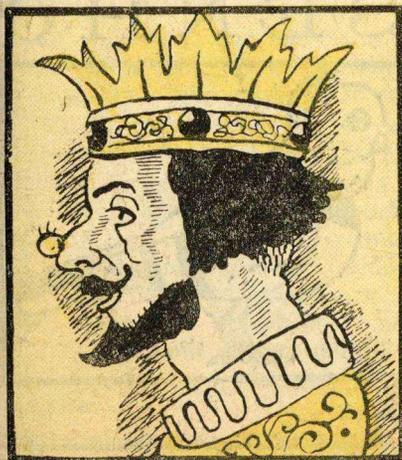
Tôdas as fadas do mundo
tinham sido consultadas
mas o verrugão imundo
deixou mal tôdas as fadas.

Magos e adivinhões,
ao cheiro da recompensa,
tinham passado aos milhões
na sua rial presença.

Sofreu tratos infernais
mas a verruga, que reles!
cada vez crescia mais
e ainda se ria dêles!

O pobre do rei, descrente,
lançou pregões, num apêlo,
convidando tôda a gente
a ir ao palácio vê-lo.

Tudo, tudo, lá entrou,
do nobre até ao plebeu...
tudo viu, tudo apalpou,
mas com o mal ninguém deu.

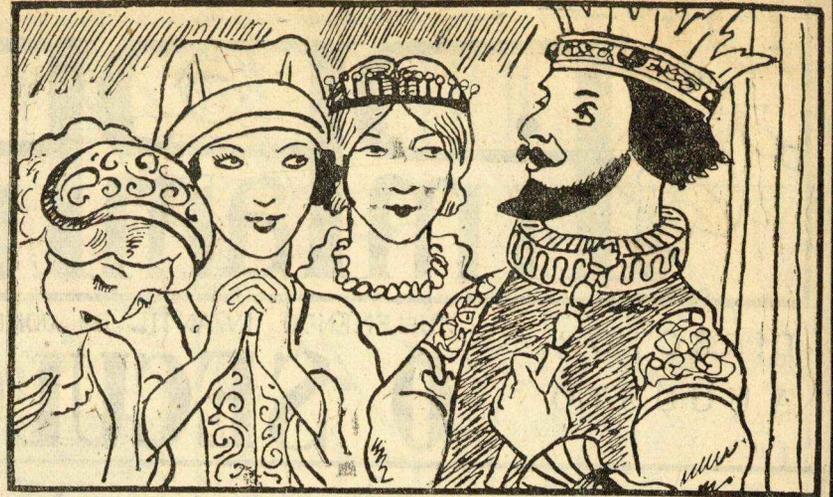


Durante um ano inteirinho,
dias e dias a fio,
por lá passou o povinho...
O palácio era o Rossio!

A presença dêsse rei
que a má sina atormentava,
tinha ido tôda a grei,
só certa velha faltava.

Era essa velha, tão velha,
a mais velha do país:
A cara: como uma gelha,
o corpo: como raiz.

Ao vê o rei nêsse estado,
preguntou singela, então:
—O meu rei já foi tratado
por doutor, ou *surgião*?—

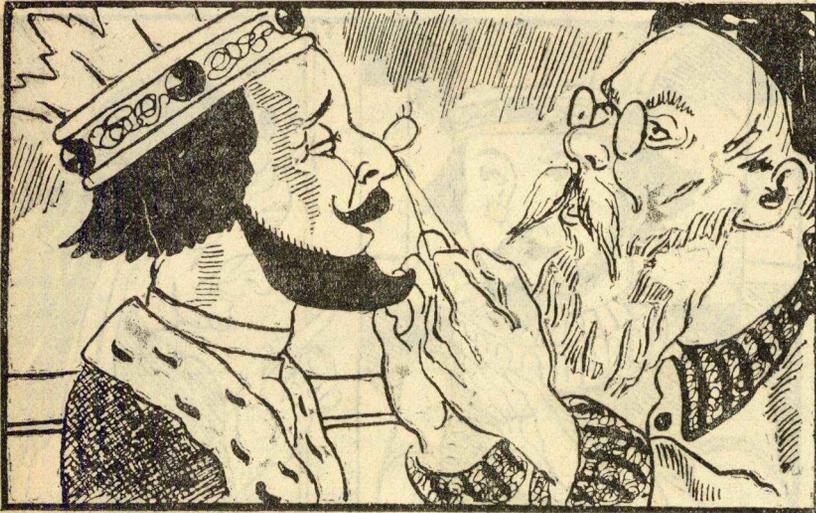


Logo o rei caiu em si
e foi, com certo embaraço,
que logo fez vir, ali,
o *surgião-mór* do paço.

Este, sem usar mézinha,
té deu mesmo gôsto vê-lo,

a tal verruga mesquinha
apertou com um cabelo,

Foi o bastante, afinal,
êsse remédio empregado,
para que o nariz rial
ficasse desverrugado.



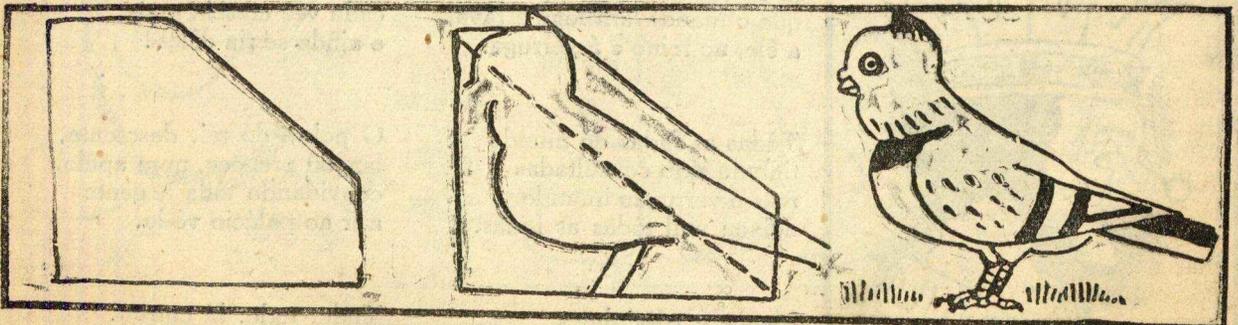
E o bom do rei Picaluga
depois dêsse tratamento,
por ter reino e não verruga
arranjou bom casamento.

.....

Antes que esta história acabe
eu quero aqui bem frisar,
que vale mais um que sabe,
que cem mil a procurar.

■ ■ FIM ■ ■

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um pombinho

A gripe do Anão Sabichão

Por ANÃO SABICHÃO

A doença da moda atacou o vosso amiguinho anão! Calculem vocês a figura dum anão-sinho, com gripe! Nunca se vira ainda um caso assim, mas o caso é que o caso sucedeu!

O que diriam os outros Anõesinhos se me vissem deitado na caminha, com o meu carapuço muito enterrado pelas orelhas abaixo, a fazer uns *atchins!* tão formidáveis que tudo tremia à roda, com uma tosseira e uma rouqueira de meter respeito!

Aquilo não podia continuar assim!

Como um qualquer mortal teria de chamar o Senhor Doutor — não confundam com um jornal de crianças que usa este nome! —

Pois um anão que se preza pela sua bôa disposição, pela sua esfusiante alegria, precisa, acima de tudo, ter saúdinha!

Estava eu nestas cogitações, quando ouvi um restolhar exquisito à entrada do meu quarto. Logo, como por encanto, me vi rodeado de lindas flores e ervas de campo. De mansinho, murmuraram, acercando-se de mim:

— Soubemos que estás doente,
com uma gripe valente,
e vimos tratar de ti,
Já não saímos daqui,
sem te vêr fino outra vez,
e acabado este entremez! —

Ao ouvi-las, arrebitei as orêlhas, como fazem os burrinhos, e acudi, esperançado:

— Vocês são capazes disso?
De dar cura ao meu toutiço,
e mais à minha garganta,
e à febre que me ataranta? —



E elas tornaram a repetir:

— Viemos em bôa hora,
não te amofines agora!
Ficarás rijinho e são,
tal e qual o mesmo Anão! —

Numa azáfama, as flores transformaram-se em medicamentos.

— Tomei, pois, chá de borragem,
que é a melhor beberragem,
para as grandes rouquidões
e grandes constipações.

(Continua na página 8)

Esquecimento



I — O Tónio em casa do Zeca, seu amiguinho de há tanto, vendo a mãe, dele, careca, murmura com grande espanto:

II — «Porque é que a tua Máisinha cortou tão rente o cabelo, quando o cabelo que tinha, era tão farto e tão belo?!»

III — Responde o Zeca, em seguida, ao seu interlocutor:
— «E' que, sendo distraída, se esquece, às vezes, de o pôr!»

REMEDIO EFICAZ

POR
LEONOR DE CAMPOS

Prometi na última semana, querido leitorzinho, revelar-te a forma como a Maria Antónia, que, como sabes, era uma menina com grandes defeitos, se tornou uma excelente rapariga, cheia de qualidades.

Foi a sua amiguinha Celeste quem a curou. Eu conto:

A Celeste tem muito bom coração, é leal e sincera, mas... tem também um géniosinho levado da breca. Pessoa que se meta com ela, seja quem for, seja onde for, pode ficar certa de que não levará a melhor.

Ora a Celeste fez, há pouco, dez anos e convidou várias amigas para um chá. Gentil e delicada, multiplicava-se: dançava, tocava, conversava com umas e outras. E todas se sentiam felizes e contentes por assistir a festa tão animada. Só Maria Antónia, o demónio da curiosidade a tentá-la, nem podia achar graça às brincadeiras.

Por fim, não resistiu. Acercou-se de Celeste e perguntou-lhe:

«Ouve cá: tiveste muitas prendas!»

Celeste não levou a mal a indiscreção da amiga e respondeu:

«Sim, tive bastantes. E algumas bem bonitinhas!...»

«Mostras-me?» — pediu a curiosa.

«Mostro. Vem comigo, ao meu quarto.»

Maria Antónia acompanhou a amiga. E ao entrar no quarto ficou deslumbrada:

Sobre a secretária de Celeste, uma linda e enorme boneca, de feições correctíssimas, sorria docemente. A seu lado, livros de histórias, álbuns de desenho, jogos, um relógio de pulso, uma caixa de tintas, tudo misturado, desarrumado, um pouco despresado, mostravam que a sua dona, por muito habituada a presentes, já lhes não dava a devida importância.

— «Eia! Que coisas lindas tens aqui!...» — exclamou, entusiasmada, Maria Antónia.

E abria os livros, folheava os álbuns, experimentava os lápis de desenho.

De repente Maria Antónia viu, através da abertura duma gaveta mal fechada, uma bonita caixa de xarão com rosas estampadas. Cheia de curiosidade, interrogou a amiga:

— «O que tem aquela caixa que está na gaveta? Mostras?»

— «Oh não! Não vale a pena!» — respondeu a Celeste, fazendo-se muito vermelha. — «São coisas sem importância!...»



E fechou logo a gaveta.

Maria Antónia não insistiu. Mas ficou sobre brasas. Saíram do quarto e voltaram para a sala. Mas a Maria Antónia continuava a não ter vontade de brincar, nem de dançar. Só uma coisa a preocupava: a caixa de xarão.

— «Como hei-de conseguir ver o que a Celeste guarda lá dentro?...» — pensava ela.

Até que, sem mais poder conter-se, dirigiu-se á amiga e disse-lhe:

— «Doi-me tanto a cabeça!... Naturalmente é por causa do barulho!... Se tu não te importasses eu deitava-me um pouquinho, mesmo por cima da tua cama, a ver se isto passava!...»

Ainda é tão cêdo para voltar para casa!...»

Celeste, solícita, imediatamente acedeu ao pedido da amiga. Conduziu-a ao seu quarto, ajudou-a a descalçar, agasalhou-a com um cobertor e, carinhosa, respondeu:

— «Dorme um pouco, se puderes. Talvez te faça bem!...»

E saiu, fechando a porta.

Apenas o ruído dos passos da amiga se extinguiu, Maria Antónia saltou da cama. Dirigiu-se logo á caixa que tanto a intrigava. Mas, ao abri-la, teve uma decepção:

— «Ora, que maçada!... Um estojo de costura! Porque seria que a Celeste não quiz mostrar-mo?»

Mas depressa teve a explicação. Cosido ao forro da tampa estava um bilhete que rezava assim:

— «Oferece-te a tua avó, para que deixes de ser desmazelada e aprendas a coser com perfeição.»

— «Ah! — exclamou Maria Antónia. — Está tudo ex-





plicado. Ela não teve tempo ou não a deixaram descoser o bilhete e porisso não quiz mostrar-me a caixa, para eu não saber que é uma desmazelada!...

Tornou a pôr tudo como estava e abriu um gavetão da toilette:

— «Olha! O gavetão da roupa dela! Ah! Tudo enrodiñado! Olha estas meias, tão mal cosidas, com algodão de côres diferentes!... Mas que menina desarranjada!...»

E fechou o gavetão, pensando:

«Bom! Já vi o que queria ver! O resto não interessa, tanto mais que não sou curiosa. Portanto vou deitar-me outra vez para fazer a parte, fico mais um pedaço e depois levanto-me e vou continuar a brincar...»

Assim fez. Mas pouco depois já estava aflita:

— «Ora esta!... Então eu hei-de aqui estar todo o dia sem me mexer, nem falar?! Ná!... Vou lá para dentro e digo que já estou melhor!...»

Levantou-se, calçou-se, deu um jeito ao cabelo e voltou para a sala.

Celeste, ao vê-la entrar, ficou admirada:

— «Então já te levantaste?!... Para quê?»

— «Ora! — (respondeu Maria Antónia, desviando o olhar). — Estava aborrecida tanto mais que me sinto melhor...»

— «Bem, bem! Isso é que se quer!» — respondeu Celeste, desconfiada das súbitas melhoras da amiga, mas sem o car a perceber.

Maria Antónia misturou-se com a outra petizada. Fa-

lava com esta, palrava com aquela, mas a ideia do estojo não a largava. Até que, sem poder conter-se mais tempo, desafogou numa roda de amigas:

— «Vocês querem saber? A Celeste é uma desmazeladona! Vi no quarto dela uma porção de meias mal cosidas, os gavetões desarrumados e um estojo de costura com um bilhete que diz: — Ofereço-te para deixares de ser...»

— Traz! Traz!...

Duas formidáveis bofetadas ecoaram na sala. Maria Antónia desatou num berreiro. Celeste, a agressora, que a seguira, sem que ela o notasse, tudo ouvira, ralhava em altos gritos, indignada.

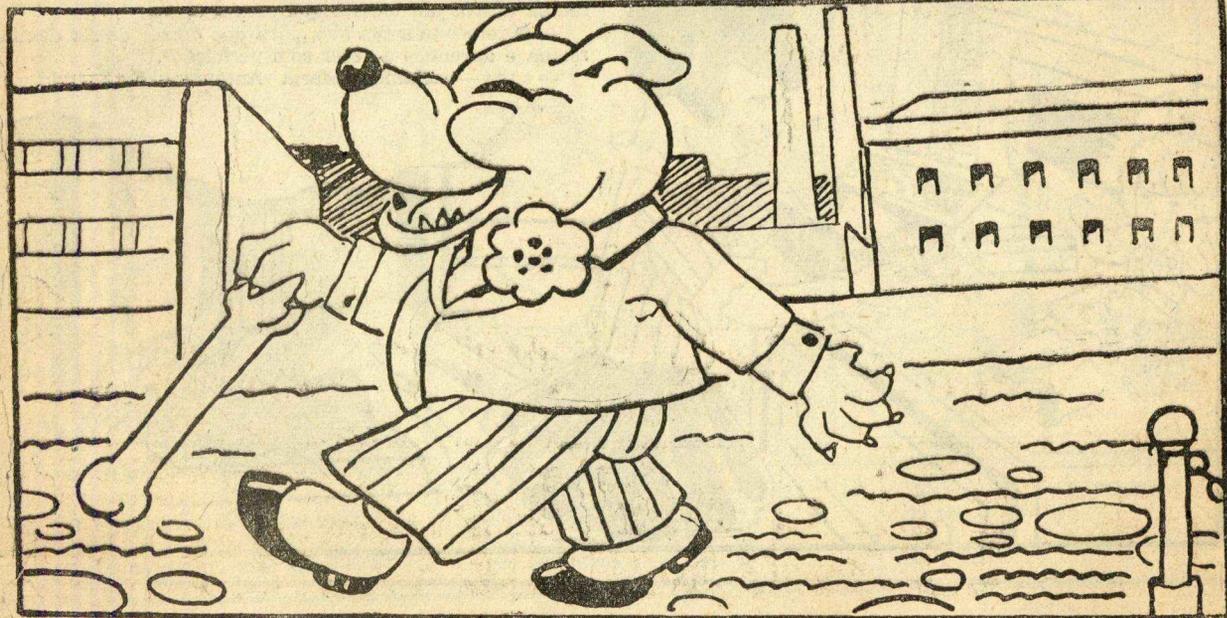
A atrapalhão era enorme. Ninguém se entendia.

As mãis das pequenas, que conversavam numa sala ao lado, acudiram aflitas. E quando, por fim, serenados os ânimos, se explicaram os factos, toda a gente, embora censurando a violência de Celeste, achou legitima a sua indignação.

A lição foi proveitosa. Maria Antónia tornou-se uma rapariga ajuizada e é hoje um modelo de educação...

FIM

PARA OS MENINOS COLORIREM



AOS MENINOS HABILIDOSOS

COMO SE FAZ UMA CASA COM CAIXAS DE FÓSFOROS

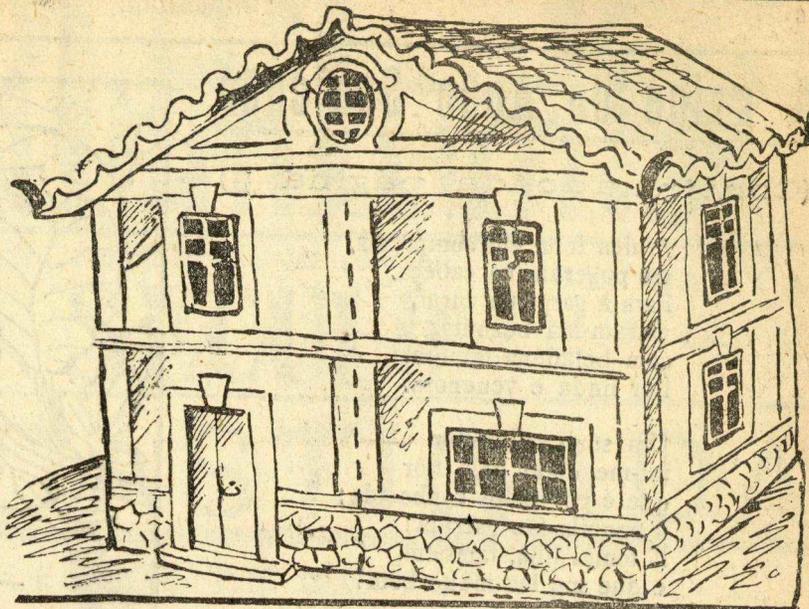
Meus meninos: — Com a construção da casinha cujo modelo apresentamos, vamos pôr à prova os vossos recursos, a vossa habilidade.

Os meninos que forem engenhosos, principalmente aqueles que, dotados de habilidade manual, revelem tendência para o desenho e — quem sabe lá! — para futuros arquitectos, poderão construir com 32 caixas de fósforos vazias, — (8 para cada face) — com um pedaço de cartolina com que envolverão as paredes mestras e com a qual farão o telhado, uma pequena moradia seguindo as instruções que damos a seguir:

1.º Unir as caixas de fósforos, umas às outras, pela parte interior, semi-aberta, colando a face da lixa das que constituem o 1.º andar às do rés-do-chão, tendo aberto, previamente, as portas e janelas.

2.º Forrar exteriormente as paredes mestras com a cartolina onde terão sido, antes, desenhados os cunhais, cantarias, bem como as molduras das janelas e portas.

Na fachada e face posterior a carto-



lina deve formar um ângulo recto, com um ligeiro rebordo onde o telhado — (uma folha de cartolina, desenhada e colorida, imitando a telha e dobrada ao meio) — deve assentar e ser colado.

3.º Tudo mais que a imaginação dos nossos pequeninos mas inteligentes leitores aconselhar.

CHARADAS COMBINADAS

+ to — Cidade portuguesa
+ bo — Cano
+ o — Ave
conceito: — País

+ co — Sumo
+ ca — Engodo
+ co — Receptáculo
conceito: — País

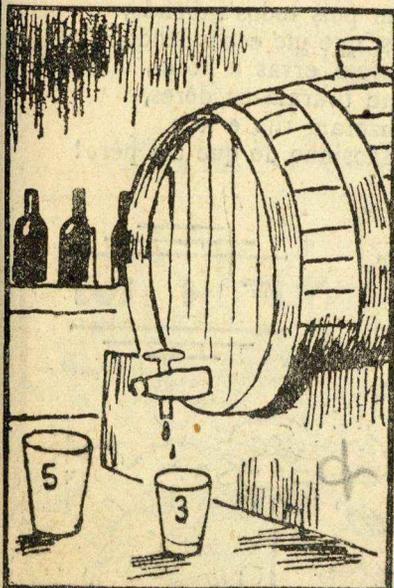
+ so — Habitante dum país
+ sa — Imposto
+ sa — Membro de ave
conceito: — País

+ to — Sábio
+ sa — Flôr
Provincia portuguesa

+ ço — Lábio
+ ça — Casta
Provincia portuguesa

+ bum — Livro de autógrafos
+ ço — Esverdeado
+ ra — Verdadeira
Provincia portuguesa

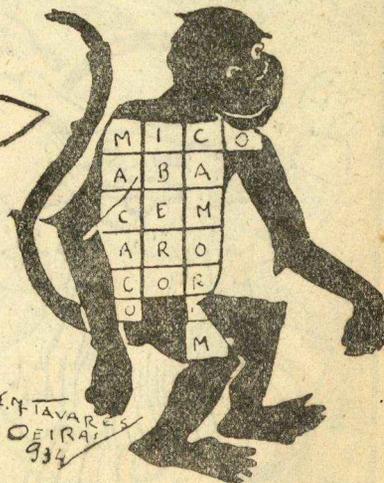
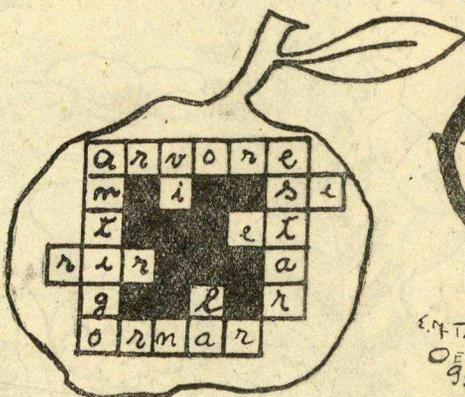
PROBLEMA



Um freguês pede a um taberneiro 4 decilitros de vinho mas ele só tem 2 copos; um de 5 decilitros e outro de 3. Qual é a forma de dar ao freguês os 4 decilitros?

SOLUÇÃO DAS ANTERIORES: — 1, Pombo; 2, Rola; 3, Galo; 4, Peru; 5, Pato; 6, Pinto.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS ANTERIORES



Solução dos enigmas anteriores

1) Vila Nova de Milfontes; 2) Miranda do Corvo; 3) Caxarias; 4) Casa Branca; 5) Castro Marim; 6) Sobral de Montagaço; 7) Midões; 8) Cascais; 9) Coimbra; 10) Messines.

Rei do Sébo

A gripe do Anão Sabichão

(Continuado da página 5)

Arnica feita em compressa,
me puzeram na cabeça.
Para a garganta curar,
vieram-me bezuntar,
com beladôna famosa,
flôr linda e venenosa.

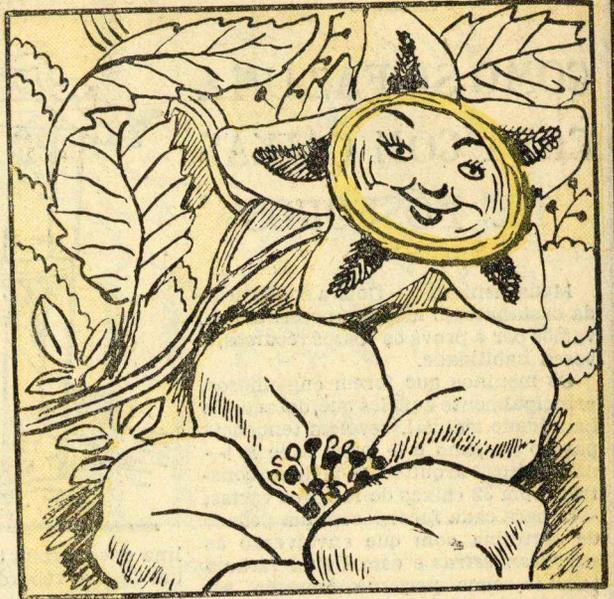
Um sôno reparador,
foi-me dado pela flôr
que é por todos conhecida;
a papoila tão garrida!
E tomei tília, também,
o que me fez muito bem!

Nisto ouvi grande ingresia.
Era a ortiga regateira
que, com muito pedantismo,
se propunha a sinapismo!
Eu opuz-me tenazmente!
Antes queria estar doente,
que sofrer um tal tormento,
duma ortiga em unguento! —

E houve ainda mais incidentes que passo a relatar.

A avenca, num ataque de fúria, batia com as folhinhas na borrágem, porque esta se lhe metera adiante e gritava furiosa, por terem desprezado o seu xarope de fama universal!

A cacomila, essa, teimava que eu padecia do



estômago e, muito zangada, queria que me fizessem, com ela, um chásinho.

Uns fetos ramalhudos, também barafustavam, indignados, porque se diziam o remédio mais eficaz para a solitária, um certo bicharão que se lembra, às vezes, de viver dentro do nosso corpinho!

Mas como era possível um Anão, deste tamanho, ter, dentro de si, um tal bicharão com metros e metros de comprimento!

Lá consegui explicar-lhes que, felizmente, não sofria daquelas doenças!

— Tudo por fim, serenou
e o vosso Anão melhorou...
Fiquem pois todos sabendo,
amigos, que me estais lendo,
que foram ervas e flores,
que me tiraram as dôres,
me puzeram rijo e fero
mais sãozinho do que um péro!

F I M

